



DESCONSTRUINDO A CELEBRIDADE PERFEITA: de *The Fame* até *Mayhem*

Luis Otávio Vilela da Cruz¹

Resumo: Este artigo analisa criticamente a construção e desconstrução da imagem pública de Lady Gaga a partir de seus álbuns de estúdio, de *The Fame* (2008) a *Mayhem* (2025), com foco na faixa “*Perfect Celebrity*”. Considerando os álbuns como unidades narrativas e simbólicas, investiga-se como a artista articula elementos estéticos, discursivos e performáticos para questionar e reconfigurar os paradigmas da fama e da autenticidade na cultura pop contemporânea. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, fundamentada na análise de conteúdo e sustentada por referenciais teóricos dos estudos culturais, da performance e da teoria crítica. O estudo evidencia como Gaga mobiliza sua persona artística para tensionar as normas de gênero, identidade e espetáculo, transformando o pop em campo de resistência simbólica.

Palavras-chave: Lady Gaga; cultura pop; celebridade; identidade; performance.

DECONSTRUCTING THE PERFECT CELEBRITY: from *The Fame* to *Mayhem*

Abstract: This article offers a critical analysis of the construction and deconstruction of Lady Gaga’s public image through her studio albums, from *The Fame* (2008) to *Mayhem* (2025), with particular emphasis on the track “*Perfect Celebrity*.” Treating each album as a symbolic and narrative unit, the study investigates how the artist combines aesthetic, discursive, and performative elements to challenge and reshape contemporary notions of fame and authenticity in pop culture. The research follows a qualitative and exploratory approach based on content analysis and supported by theoretical frameworks from cultural studies, performance theory, and critical theory. The findings demonstrate how Gaga uses her artistic persona to subvert gender norms, identity frameworks, and spectacle logic, transforming pop into a space for symbolic resistance.

Keywords: Lady Gaga; pop culture; celebrity; identity; performance.

¹Mestrando Profissional em Produção de Conteúdo Multiplataforma pela UFSCAR, campus São Carlos. Especialista em Advocacia Criminal, Tribunal do Júri e Execuções Penais pela Legale Educacional, campus São Paulo. Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Poços de Caldas. Consultor jurídico e acadêmico autônomo. E-mail de contato: luisvilelajuridico@outlook.com

DECONSTRUYENDO A LA CELEBRIDAD PERFECTA: de *The Fame* a *Mayhem*

Resumen: Este artículo analiza críticamente la construcción y deconstrucción de la imagen pública de Lady Gaga a través de sus álbumes de estudio, desde *The Fame* (2008) hasta *Mayhem* (2025), con especial énfasis en la canción “Perfect Celebrity”. Considerando los álbumes como unidades simbólicas y narrativas, se investiga cómo la artista articula elementos estéticos, discursivos y performativos para cuestionar y reconfigurar los paradigmas de la fama y la autenticidad en la cultura pop contemporánea. La investigación adopta un enfoque cualitativo de carácter exploratorio, fundamentado en el análisis de contenido y apoyado en marcos teóricos de los estudios culturales, la teoría de la performance y la teoría crítica. El estudio revela cómo Gaga moviliza su personaje artístico para tensionar normas de género, identidad y espectáculo, convirtiendo el pop en un espacio de resistencia simbólica.

Palabras clave: Lady Gaga; cultura pop; celebridad; identidad; performance.

1. Introdução

Lady Gaga, nome artístico de Stefani Joanne Angelina Germanotta, é uma das artistas mais emblemáticas da cultura pop contemporânea. Desde sua estreia em 2008 com o álbum *The Fame*, Gaga construiu uma trajetória artística marcada por reinvenções constantes, experimentações estéticas e narrativas que tensionam as normas de gênero, sexualidade, corpo e fama. Sua figura transcende o papel tradicional de cantora ou performer, consolidando-se como um projeto estético e discursivo que dialoga com os grandes dilemas da contemporaneidade. O título desta pesquisa, *Desconstruindo a celebridade perfeita*, é retirado da faixa “Perfect Celebrity”, pertencente ao álbum *Mayhem* (2025), o mais recente da artista, cuja proposta narrativa aprofunda a crítica às idealizações midiáticas em torno da imagem pública.

Esta pesquisa propõe uma análise crítica da construção e desconstrução da imagem de Lady Gaga ao longo de seus álbuns de estúdio, de *The Fame* (2008) a *Mayhem* (2025), focalizando os elementos simbólicos, estéticos e discursivos que compõem suas diferentes eras musicais. A escolha por trabalhar exclusivamente com os álbuns — enquanto conjuntos autorais coesos e estruturados — decorre do entendimento de que neles reside a base conceitual da performance artística da cantora. Cada álbum é compreendido aqui como um marco narrativo que organiza temas, sonoridades, visuais e discursos em torno de uma identidade específica. Ao invés de recorrer a apresentações ao vivo, turnês ou premiações, esta investigação concentra-se nos registros fonográficos e visuais (como videocliques e capas de álbum), assim como nas declarações da artista sobre suas obras, para analisar as camadas de sentido envolvidas em sua construção imagética.

A relevância deste estudo se fundamenta no reconhecimento de que, na era das mídias digitais e da cultura do espetáculo, a figura da celebridade ultrapassa a

esfera do entretenimento e adquire papel central na construção de valores sociais, representações identitárias e narrativas culturais. Lady Gaga, em particular, representa uma inflexão crítica dentro desse sistema, ao performar — e simultaneamente problematizar — os mecanismos que sustentam a noção de “perfeição” e “autenticidade” na indústria da fama. Através de sua obra, Gaga articula discursos sobre marginalidade, corporeidade, saúde mental, feminilidade e resistência, convertendo o pop em espaço de questionamento político e subjetivo. Com isso, o estudo contribui para os campos da comunicação, dos estudos culturais e da teoria crítica, oferecendo subsídios para compreender como a cultura pop pode operar como ferramenta de intervenção simbólica.

Metodologicamente, esta pesquisa insere-se no campo qualitativo e adota o delineamento exploratório, conforme proposto por Antônio Carlos Gil (2008), cuja obra fundamenta o planejamento metodológico adotado. Segundo Gil, a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema estudado e tornar mais explícitos seus contornos, o que se mostra adequado para uma investigação que busca compreender os sentidos complexos mobilizados pela produção artística de Lady Gaga. A abordagem qualitativa justifica-se pelo caráter simbólico, subjetivo e interpretativo do objeto, exigindo uma análise que vá além da descrição factual e que se debruce sobre os significados presentes na obra.

A técnica principal adotada será a análise de conteúdo, aplicada aos álbuns de estúdio da artista e aos elementos que os compõem — letras, encartes, capas, videoclipes oficiais, bem como entrevistas e declarações públicas em que a artista discute seus projetos criativos. A análise será orientada por três eixos principais: (1) os elementos estéticos e simbólicos que caracterizam cada era musical; (2) os discursos identitários articulados nas letras e declarações, com foco em temas como gênero, sexualidade, fama e subjetividade; e (3) os mecanismos de desconstrução da imagem de celebridade idealizada ao longo de sua carreira. O corpus será composto exclusivamente por materiais oficiais, disponíveis publicamente, o que garante a confiabilidade das fontes e a coerência com os objetivos da pesquisa.

A delimitação temporal da pesquisa compreende o período de 2008 a 2025, iniciando com o lançamento de *The Fame*, álbum de estreia que introduz a persona de Gaga como um produto glamouroso da indústria do entretenimento, e encerrando com *Mayhem*, obra que, por meio da faixa “*Perfect Celebrity*”, explicita a crítica à lógica de fabricação da fama e à busca incessante pela imagem idealizada. Ao tratar os álbuns como unidades discursivas e simbólicas, busca-se compreender como cada um deles constrói, tensiona e desconstrói diferentes versões da identidade da artista — e, por extensão, diferentes noções de “celebridade”.

A fundamentação teórica será composta por autores que abordam os fenômenos da cultura de massa, da identidade e da performance. Dentre os principais interlocutores estão Richard Dyer (2007), com sua teoria sobre a construção da celebridade; Judith Butler (2003), com as contribuições sobre performatividade de gênero; Guy Debord (1997), com a crítica à sociedade do espetáculo; e Gilles Lipovetsky (1989), com sua análise da estética efêmera da modernidade. A esses autores soma-se o suporte metodológico de Antônio Carlos Gil (2008), especialmente no que diz respeito à definição dos objetivos, formulação do problema e organização do trabalho científico.

Ao propor a análise de Lady Gaga a partir da articulação entre estética, discurso e identidade, este trabalho pretende iluminar os modos como a artista mobiliza as ferramentas da cultura pop para problematizar e reconfigurar os sentidos dominantes de sucesso, beleza, normalidade e autenticidade. Em vez de reafirmar a figura da “celebridade perfeita”, Gaga opera como catalisadora da sua desconstrução, revelando as fissuras e tensões do imaginário midiático que sustenta essa construção. Assim, a pesquisa se propõe não apenas a interpretar uma obra artística, mas a compreender como, por meio dela, se articulam críticas, resistências e alternativas possíveis no campo simbólico da cultura contemporânea.

2. Ascensão gera Lady Gaga: os primórdios até *The Fame*

Stefani Joanne Angelina Germanotta nasceu em 28 de março de 1986, em Nova York, em uma família ítalo-americana abastada. Desde os 4 anos ela mostrava inclinação musical e começou a tocar piano de ouvido, avançando posteriormente para aulas formais de música numa escola católica em Manhattan. Ainda na adolescência, compôs sua primeira balada aos 13 anos e fez apresentações em open mic e clubes locais, desenvolvendo sua performance em meio à cena underground nova-iorquina (Phoenix, 2010).

Após breve ingresso na Tisch School of the Arts da NYU, Stefani abandonou os estudos para investir na carreira musical, vivendo em Nova York e trabalhando em empregos informais (como *go-go dancer*) para se sustentar enquanto aprimorava sua persona artística. Em 2006, adotou o nome artístico Lady Gaga, inspirado na música “*Radio Ga-Ga*” da banda Queen, e começou a se envolver com performance art e cenas alternativas com artistas como Lady Starlight (Phoenix, 2010).

A virada ocorreu quando assinou contrato com a gravadora Interscope em 2007. A partir daí, iniciou o desenvolvimento do álbum de estreia *The Fame*, lançado em 19 de agosto de 2008, com produção e concepção estética centrada na construção de uma persona que dialogava com o glamour, a cultura de Fama e o espetáculo pop. O álbum apresentou singles de impacto global, como “*Just Dance*” e “*Poker Face*”, que alcançaram o topo das paradas em diversos países incluindo EUA, Reino Unido, Austrália e Canadá.

Conceitualmente, *The Fame* explora a dicotomia entre desejo por reconhecimento e o vazio da cultura da celebridade, construindo uma estética que combina referências ao electro-pop, Europop dos anos 1990 e ao glam rock dos anos 1970. Foi a partir desse álbum que Lady Gaga formou seu coletivo criativo, o *Haus of Gaga*, inspirando-se na estrutura da *Factory* de Andy Warhol — um movimento que reforça sua postura como artista performática e multidisciplinar.

O sucesso crítico e comercial foi imediato: *The Fame* recebeu o Grammy de Best Dance/Electronic Album, ao passo que “*Poker Face*” ganhou Best Dance Recording no Grammy Awards de 2010. A artista passou a ocupar um lugar de destaque nas mídias especializadas e figurou em rankings como uma das pessoas mais influentes do mundo segundo a *Time*, já no início da carreira.

Além de estudos como os de Richard Dyer e Guy Debord, um estudo relevante sobre Lady Gaga é *Lady Gaga and the Sociology of Fame: The Rise of a Pop Star in*

an Age of Celebrity, de Mathieu Deflem (2017), que analisa sua construção simbólica e sua relação com a cultura da fama. Para Deflem (2017), Lady Gaga não apenas se insere no sistema das celebridades, mas o tematiza, transformando sua própria fama em objeto de autorreflexão sociológica. A artista constrói uma persona deliberadamente artificial, composta por elementos de ambiguidade, teatralidade e apropriação cultural, revelando assim as engrenagens que sustentam sua imagem pública. Deflem (2017) observa que Gaga performa sua própria celebridade como construção estratégica, desafiando expectativas de autenticidade e tornando visível a lógica de visibilidade e controle que caracteriza a cultura midiática. Esse processo se aproxima do conceito de simulacro proposto por Baudrillard (1995), no qual as representações deixam de referenciar uma realidade concreta e passam a funcionar como realidades autônomas. Gaga, ao explorar o excesso e a encenação como categorias centrais de sua performance, transforma a celebridade em um campo crítico no qual o simulacro e o real colidem, não como oposição, mas como espetáculo autorreferente.

Outro estudo útil para compreender a construção simbólica de Lady Gaga em *The Fame* é a teoria de Philip Auslander (2021) sobre persona musical. Segundo o autor, a performance musical contemporânea opera em um campo híbrido entre o “eu real” do artista e a figura cênica construída para o público — uma entidade performativa que não é inteiramente fictícia, mas também não se confunde com a subjetividade biográfica (Auslander, 2021). Gaga, desde sua estreia, exemplifica essa tensão entre autenticidade e teatralidade: sua persona é deliberadamente artificial, glamourosa e hipervisível, moldada para encarnar a própria lógica da celebridade. Nesse sentido, ela não apenas canta sobre fama, mas encarna a fama como performance contínua. A aplicação do conceito de Auslander permite compreender que Gaga não adota uma identidade estática, mas desenvolve uma figura artística mutável, que dialoga com os códigos da cultura pop e do espetáculo midiático. A persona musical, então, torna-se uma ferramenta estética e crítica, operando como máscara e discurso — uma superfície onde se inscrevem tanto os desejos do público quanto as estratégias de subversão simbólica da artista.

Assim, até o lançamento de *The Fame*, a trajetória de Lady Gaga configura-se como um processo de autocriação estética e discursiva: começa com uma artista autodidata em Nova York, passa pela adoção intencional de uma persona provocadora e culmina em um álbum que articula crítica e glamour, celebridade e performance. Esse percurso fornece alicerce essencial para a análise das subsequentes eras da artista.

A construção estética de Lady Gaga, desde seus primeiros passos até a consolidação de *The Fame*, revela um diálogo direto com a crítica à cultura de consumo e à lógica da espetacularização, presente em pensadores como Jean Baudrillard e Guy Debord. O álbum de estreia insere-se num contexto em que a fama é um fim em si, marcada por um processo de simbolização da imagem da celebridade como mercadoria — perspectiva abordada por Baudrillard ao refletir sobre a simulação como princípio dominante da sociedade contemporânea (Baudrillard, 1995).

A artista constrói uma persona que, ao mesmo tempo em que representa o glamour idealizado pela indústria cultural, o subverte por meio do exagero e da

artificialidade. Essa duplicidade ecoa o conceito de “espetáculo” enquanto encenação permanente da realidade, como descrito por Debord, (1997) que via na sociedade midiática uma constante teatralização da vida (Debord, 1997; Baitello Jr., 2005). Em Gaga, a fama não é apenas um tema: é uma performance.

Além disso, a ênfase na visualidade — desde os figurinos excêntricos até os videoclipes altamente estilizados — insere-se em uma lógica que privilegia a imagem como signo autônomo. Nesse sentido, a análise de Norval Baitello Jr. sobre a “era da iconofagia”, em que as imagens devoram significados e os reformulam sem cessar, é crucial para compreender o tipo de presença midiática encenada por Gaga (Baitello Jr., 2005).

A teatralidade de Gaga não está dissociada da corporeidade. Sua linguagem visual mobiliza signos simbólicos que remetem à sexualidade, ao desejo e à deformação da beleza normativa. O corpo da artista funciona como superfície de inscrição cultural, o que dialoga com os estudos de Louro (2001), para quem os corpos são educados e performados em diferentes regimes sociais e discursivos. Gaga dramatiza esses regimes, encarnando simultaneamente a figura do ícone e da aberração, do mainstream e do marginal, propondo uma pedagogia estética da dissidência.

Essa desconstrução da feminilidade midiática também está presente nas análises de Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo Nascimento (2002), ao discutirem as imagens da mulher na modernidade e sua representação na cultura. Gaga opera dentro dessa lógica ao tensionar o feminino normativo e suas formas de visibilidade, encenando versões exageradas da diva pop enquanto incorpora elementos da androginia e do grotesco.

No plano simbólico, Lady Gaga mobiliza arquétipos que Jung identificaria como pertencentes ao inconsciente coletivo — como a “grande mãe”, o “trickster” e a “sombra”. Esses arquétipos, segundo o autor, são estruturas universais que emergem através de imagens e narrativas mitológicas, encontrando novas expressões na cultura contemporânea (Jung, 2000). Gaga evoca esses elementos em figurinos, clipes e narrativas visuais que transbordam ambiguidade e intencionalidade simbólica, desafiando o público a reconhecer essas formas arquetípicas disfarçadas sob o verniz pop.

Essa leitura simbólica é corroborada por Athayde (2010), ao analisar o videoclipe de “*Bad Romance*”, destacando como Gaga representa figuras femininas que oscilam entre a sensualidade, o poder e a monstruosidade. A pesquisa evidencia como a artista tensiona estereótipos femininos ao misturar signos de empoderamento e submissão, o que reforça a leitura de Gaga como uma performer que articula imagens míticas e códigos midiáticos para ressignificar a identidade feminina no imaginário cultural.

Complementarmente, Chevalier e Gheerbrant (2009) fornecem uma base importante para entender a densidade simbólica dos elementos visuais utilizados por Gaga. Em seu dicionário de símbolos, os autores apontam como determinados signos — como olhos, chamas, máscaras e espelhos — carregam significados arquetípicos e históricos que transcendem o uso estético imediato. Esses símbolos aparecem de forma recorrente na estética da cantora e serão aprofundados, de

maneira mais densa, na análise do terceiro álbum de Gaga, *Artpop*, no qual a cantora intensifica sua iconografia mitológica e sua crítica à cultura da imagem.

Por fim, a própria recepção da artista — inicialmente rotulada como artificial, vulgar ou meramente provocadora — evidencia a resistência da cultura dominante em lidar com representações que escapam à lógica do belo, do discreto e do heteronormativo. Nesse sentido, Gaga tensiona aquilo que Louro (2014) chama de "normal", "diferente" e "excêntrico", categorias que estruturam o currículo cultural e suas exclusões.

3. *Born This Way*: Identidade, performance e crítica simbólica

O álbum *Born This Way* representa um salto conceitual na trajetória de Lady Gaga, transformando sua persona estética, narrativa e simbólica em um projeto explícito de visibilidade política e identidade. Lançado em maio de 2011 pela Interscope, o álbum expande os limites da música pop ao misturar gêneros como electropop, heavy metal, ópera, disco e rock—ocasionando uma estética híbrida alinhada ao caráter pós-moderno do espetáculo consumista e midiático.

Patrick Sutil do Nascimento (2018) aprofunda a análise simbólica e estética do álbum *Born This Way* ao examinar suas representações de gênero e alteridade, especialmente por meio das personas encarnadas por Lady Gaga, como Jo Calderone e Yüyi, a sereia. Para o autor, essas construções performáticas funcionam como dispositivos críticos que tensionam normas identitárias tradicionais, deslocando o eixo da performance pop para o território da provocação teórica. Jo Calderone, personagem masculino interpretado por Gaga, desafia convenções de masculinidade e autenticidade, servindo como artifício queer que expõe a artificialidade de todas as identidades de gênero. Já Yüyi, figura mitológica e não-humana, projeta uma metáfora de alteridade radical, simbolizando aqueles corpos e subjetividades que não encontram reconhecimento na lógica binária e normativa da sociedade.

Retomando o foco ao álbum *Born This Way*, é possível perceber como essas representações performáticas, analisadas por Nascimento (2018), não são apenas elementos periféricos à obra, mas sim estruturas fundantes de sua linguagem artística e política. A encarnação de figuras como Jo Calderone e Yüyi revela o comprometimento de Gaga com a desestabilização das categorias normativas de identidade, estabelecendo uma ponte direta com os temas centrais do álbum. *Born This Way* emerge, portanto, não apenas como produto da indústria cultural, mas como território de enunciação de sujeitos marginalizados e espaço de disputa simbólica.

No centro da obra está a faixa-título "*Born This Way*", que se tornou hino de afirmação LGBTQ+, proclamando a igualdade e aceitação individual sem necessidade de justificação externa. A letra enfatiza mensagens como "*No matter gay, straight, or bi, lesbian, transgendered life, I'm on the right track, baby (...) I'm beautiful in my way 'cause god makes no mistakes (...) I was born this way*", reforçando uma retórica inclusiva e libertadora (Rodrigo, 2021, on-line). Com base

na análise de Wati Purnama Sari (2020), a faixa "*Born This Way*" é compreendida como uma crítica social explícita de Lady Gaga às formas de marginalização enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+ nos Estados Unidos. A autora argumenta que a canção é um ato artístico em que Gaga denuncia práticas discriminatórias como o bullying, a exclusão social e a violência física contra minorias sexuais, ao mesmo tempo em que promove uma mensagem de autoaceitação e igualdade. A pesquisa, fundamentada na teoria estética de Theodor Adorno, interpreta a canção como exemplo de como a arte pode funcionar como "antítese da sociedade", não por negar completamente suas estruturas, mas por reconfigurá-las simbolicamente de maneira crítica (Adorno, 2002). Dessa forma, "*Born This Way*" não apenas se insere no mercado musical como um sucesso comercial, mas assume um papel ativo no debate público ao reconstituir simbolicamente um espaço de resistência e visibilidade para grupos historicamente oprimidos (Sari, 2020).

Conceptualmente, o álbum articula os discursos de identidade com a performatividade visual: no videoclipe de "*Born This Way*", Gaga incorpora símbolos LGBT como o triângulo invertido, alusão crítica aos campos de concentração nazistas, e representa-se, também, como uma figura híbrida entre alienígena e a Virgem Maria — gesto simbólico que convida à leitura religiosa crítica e à inclusão dos marginalizados como "filhos de Deus" (Gomes, 2019). Essa estratégia de apropriação simbólica dialoga com a crítica à cultura de consumo de Baitello Jr., ao evidenciar como os signos visuais são devorados e resignificados para desafiar narrativas normativas (Baitello Jr., 2005).

A pluralidade estilística do álbum evoca também discursos sobre gênero e feminilidade. Elementos de heavy metal, música eletrônica industrial e referências a figuras como Bruce Springsteen, Madonna e Iron Maiden indicam uma estética ambígua que desmonta a ideia de uma diva pop homogênea (Gracie, 2025). Esse caráter híbrido se alinha à crítica de Ferreira e Nascimento (2002) e Louro (2014) sobre os regimes sociais que educam corpos e identidades normativas: Lady Gaga dramatiza a tensão entre o "normal" e o "excêntrico", encenando a travessia entre ambos.

No plano teórico, o álbum opera com categorias centrais dos estudos de celebridade, poder simbólico e performance. A simbologia visual e sonora de *Born This Way* evidencia a construção de identidade como processo performativo contínuo — analogamente ao que Judith Butler propõe sobre gênero como performance discursiva. Gaga articula sua persona por meio de encenações públicas cuidadosamente construídas, moldando uma imagem que foge da autenticidade fixa para uma celebração da multiplicidade e da fluidez (Butler, 2003).

Além da faixa-título, outras músicas do álbum reforçam essas temáticas. Em "*Americano*", Gaga aborda temas políticos e culturais como imigração, sexualidade e fé religiosa, misturando elementos do mariachi com electropop e disco, e criticando diretamente legislações como a Proposição 8 e a Arizona SB 1070 (Egelkp, 2008; Prentice, 2008) — promovendo reflexões sobre o "Sonho Americano" enquanto discurso de poder e exclusão. Já "*Black Jesus † Amen Fashion*" articula religião, moda e cidade, revalorizando os signos de identidade urbana e espiritual, criando uma crítica visual e sonora sobre consumo religioso e visibilidade pop (Sun, 2011).

Os aspectos formais do álbum também merecem atenção: o uso intensivo de sintetizadores, batidas industriais e arranjos elaborados estabelece um contraste entre a artificialidade pop e a autenticidade discursiva. Gaga usa sua voz como instrumento performático de emancipação simbólica, em que o repetitivo trecho “Querido, eu nasci desse jeito” funciona como mantra coletivo de autoafirmação, construindo uma narrativa musical que transcende a música pop convencional (Rodrigo, 2021, online).

Nas palavras de Baitello Jr. (2005), a sociedade da iconofagia promove uma transformação visual contínua; Gaga incorpora e desconstrói símbolos consumidos pela cultura massiva para subvertê-los e gerar novos sentidos. Já Debord (1997) diagnostica a fama como este espetáculo permanente: Lady Gaga executa esse espetáculo e, ao mesmo tempo, performa sua ruptura com os mecanismos opressores desse espetáculo — transformando o álbum em uma plataforma de resistência simbólica. A performance da cantora reflete o sujeito contemporâneo que consome e é consumido pela cultura visual.

Por fim, a recepção crítica ao álbum reforça sua potência política: apesar das controvérsias religiosas e conservadoras em diversos países, *Born This Way* foi amplamente elogiado por críticos por sua ambição conceitual e pluralidade sonora, indicado ao Grammy de Álbum do Ano e incluído em diversas listas de melhores álbuns da década (Cinquemani, 2011; Rolling Stone, 2011; Grammy, 2012). Assim, o álbum se configura como obra canônica dentro da cultura pop moderna, especialmente por sua linguagem estética e discursiva que articula mensagem política e performance simbólica.

4. *Artpop*: arte, trauma e espetacularização pop

O álbum *Artpop* (2013) marca uma virada estética e conceitual na trajetória de Lady Gaga, representando uma tentativa deliberada de articular pop e arte contemporânea, ao mesmo tempo em que reflete experiências pessoais de trauma e vulnerabilidade. A partir de *Artpop*, Gaga amplia a performance da celebridade como espetáculo crítico, combinando sua persona multifacetada com referências artísticas e simbólicas complexas — uma aposta que ecoa diretamente os conceitos de cultura de massa, espetáculo e iconofagia presentes nas obras que fundamentam esta pesquisa (Baitello Jr., 2005; Baudrillard, 1995; Debord, 1997).

Musicalmente, *Artpop* abraça uma gama sonora que vai do EDM ao synth-pop, techno, disco, industrial e dubstep, com colaborações de produtores como DJ White Shadow, Zedd e Madeon. A obra também insere referências à mitologia greco-romana e à estética visual de Jeff Koons, misturando elementos clássicos, modernos e de cultura de massa (Moran, 2012; Caramanica, 2013; McCormick, 2013). A proposta estética de *Artpop* vai além de referências visuais pontuais: trata-se de uma operação conceitual que inverte os princípios da pop art, conforme Lady Gaga anunciou ao chamar o álbum de uma “experiência warholiana reversa”. Como analisa Rudolph (2013), enquanto Andy Warhol transformava elementos da cultura popular em arte, Gaga toma obras de arte — tanto clássicas quanto contemporâneas — e as ressignifica como cultura pop, acessível e consumível pela

via musical. Nesse contexto, a esfera azul presente na capa do álbum funciona como uma “*gazing ball*”, uma esfera reflexiva inspirada nas obras de Jeff Koons, que simboliza a mediação entre o passado e o futuro da arte, além de representar o entrelaçamento entre corpo, identidade e visibilidade. Ao posicionar essa esfera à frente de seu corpo nu, Gaga convida o espectador a refletir sobre a sexualidade como elemento artístico e político, tornando o próprio corpo uma superfície de projeção crítica e estética.

Conceitualmente, o álbum pode ser lido como uma narrativa artística que atravessa o trauma — especialmente o sofrimento físico durante a turnê *Born This Way Ball*, causado por uma lesão no quadril — e reconstrói sua identidade performática por meio da arte e da celebração audiovisual (Martin, 2013; Chapman, 2020; Lobenfeld, 2022). A tensão entre vulnerabilidade persona, objeto e agente, torna-se estrutura central do álbum e do próprio espetáculo *ArtRave* (Lobenfeld, 2022).

Em termo simbólico, *Artpop* explora a iconofagia atual: imagens são consumidas, resignificadas e expostas como signos de poder e subversão. A capa oficial do álbum, produzida por Jeff Koons, representa Gaga nua com uma esfera azul reflexiva — sinalizando a crença na arte como espelho social e veículo de autorrepresentação (Baitello Jr., 2005; Nevins, 2014; Gill, 2023). Essa escolha reforça a ideia de que sua persona é tanto um objeto estético quanto um discurso político performado.

A recepção crítica ao *Artpop* foi mista, ainda que gradualmente reavaliada de forma mais favorável com o passar dos anos. À época, alguns críticos descreveram o álbum como excessivo — pretensioso, confuso e até “burro” em sua produção sonora inflada (Copsey, 2013; Spectrum Pulse, 2013). Outros, como o Pitchfork, reconheceram a ambição conceitual e a tensão entre trauma e espetáculo, interpretando *Artpop* como um protótipo turbulento para obras posteriores como *Chromatica* — mas ainda dotado de fãs que valorizam sua densidade estética (Lobenfeld, 2022).

Estudos recentes confirmam que *Artpop* foi lida não apenas como produto de consumo, mas como obra que tensiona gênero, sexualidade e poder simbólico. Por exemplo, um artigo baseando-se na teoria lacaniana examina como Gaga performa o discurso da histórica — sendo, ao mesmo tempo, sujeito de desejo e força subversiva contra estruturas patriarcais (Lacan, 2007 *apud* Glazier, 2013). Outra pesquisa sobre performance pós-humana interpreta como Gaga transforma seu corpo em obra de arte vivente, desafiando fronteiras entre corpo, mídia e ilusão. Segundo Weidhase e Wilde (2020), *Artpop* encena a autoria como performance fragmentada e pós-identitária, articulando-se como bricolagem de imagens, gêneros e influências que desestabilizam noções tradicionais de autenticidade artística. A artista desfaz a separação entre o sujeito criador e a persona performática, dissolvendo limites entre alta arte e cultura pop, enquanto dramatiza a fluidez identitária como componente essencial de sua estética. Nesse sentido, o corpo de Gaga torna-se suporte para tensionar as estruturas convencionais de autoria e subjetividade, funcionando como campo de experimentação artística e política no espaço midiático.

Sob uma perspectiva estética e cultural, *Artpop* intensifica e radicaliza os jogos de simulacro e espetáculo propostos por Debord e Baudrillard, indo além de uma crítica genérica à sociedade de consumo. O álbum opera como paródia autorreflexiva da cultura pop: Gaga não apenas participa do espetáculo — ela o eleva à categoria de obra metalinguística. Diferente de seus trabalhos anteriores, *Artpop* se assume como uma encenação deliberada da própria artificialidade, dissolvendo as fronteiras entre o sublime e o vulgar, o sagrado e o banal (Baitello Jr., 2005). Sua estética maximalista e sua multiplicidade visual e sonora instauram uma lógica de excesso que não busca coesão, mas justamente o colapso das categorias convencionais do pop.

Além disso, o hibridismo em *Artpop* não se limita à composição musical: ele atua como estratégia de subversão política e identitária. A performance de Gaga, ao longo do álbum, explora um corpo em constante transformação — transbordando normas de gênero e sexualidade. Combinando erotismo, imagens sacras e alegorias mitológicas, ela cria um corpo queer e mutante, em consonância com as teorizações de Louro (2014) sobre a desestabilização dos regimes normativos de identidade (Louro; Alves, 2002). Em *Artpop*, o corpo é mídia, é manifesto e é ruído — uma presença que insiste em existir no espaço pop enquanto fissura, provocação e reinvenção do visível.

A proposta visual de Gaga, frequentemente incompreendida à época do lançamento, é radical em sua proposta de tensionar o que é permitido ser visto e desejado na cultura de massas. Essa abordagem se articula com os estudos de Baitello Jr. (2005) sobre a iconofagia contemporânea, nos quais as imagens deixam de ser janelas para o real e passam a devorar-se mutuamente em uma cadeia de consumo e reconfiguração simbólica. Em *Artpop*, o corpo de Gaga é simultaneamente tela, ícone, ruína e manifesto. O uso hiperbólico da estética kitsch, das próteses, dos espelhos e das luzes fluorescentes projeta um corpo que se nega a ser fixado ou compreendido de maneira unívoca, criando uma poética da confusão, da fragmentação e do excesso — traços que, na análise de Alves (2002), marcam as representações femininas que escapam ao padrão moderno.

Nesse sentido, Gaga performa uma pedagogia da ambiguidade, na qual o corpo-pop se torna vetor de reeducação simbólica e cultural. Ao romper com a lógica do feminino passivo, sexualizado e domesticado, ela cria uma estética da desobediência, similar àquela que Louro (2001) vê nos corpos desviantes — corpos que se recusam a ocupar os lugares designados pela heteronormatividade e pela lógica disciplinadora da cultura. Em *Artpop*, a celebração do artificial não é um afastamento da realidade, mas uma encenação crítica que desnuda a artificialidade das normas. É, como aponta Jung (2000), o mergulho no inconsciente coletivo e em seus arquétipos para reintegrar aspectos reprimidos da psique coletiva em um espetáculo de luz, som e carne.

5. Joanne: vulnerabilidade, memória familiar e autenticidade simbólica

O álbum *Joanne*, lançado em outubro de 2016, representa uma guinada estética e simbólica na carreira de Lady Gaga, distanciando-se da espetacularidade visual de eras anteriores e abraçando uma performance mais contida, emocional e intimista (Zemler, 2016; Simões et al., 2019). A escolha de seu nome de batismo — “Stefani Joanne Angelina Germanotta” — como título da obra funciona como gesto autorreferencial: um tributo à sua tia paterna, Joanne Germanotta, cuja morte prematura inspirou emocionalmente o conteúdo lírico e visual do álbum (Simões et al., 2019).

Musicalmente, *Joanne* se distancia da sonoridade eletrônica pesada de suas eras anteriores e opta por uma fusão de country, Americana, soft rock, folk e dance-pop de ritmo mais lento, evidenciando um foco nos vocais e na composição emocional das letras (Fleming, 2016). Essa linguagem sonora propicia uma presença mais direta da artista como narradora íntima, articulando suas memórias familiares, identidades de gênero e experiências de amor e perda (Duboff, 2016).

Sob o prisma teórico das referências da pesquisa, *Joanne* evidencia uma postura crítica à cultura de consumo e ao espetáculo, mas sem recorrer à extravagância visual. Ao contrário, Gaga propõe um discurso simbólico centrado no emocional e no autobiográfico, em linha com a crítica de Baitello Jr. à iconofagia: aqui, menos imagens consumistas, mais signos resignificados que apontam para intimidade e memória (Baitello Jr., 2005). A capa do álbum — uma foto do perfil de Gaga usando um chapéu rosa e fundo azul pastel — reforça essa simplicidade reflexiva, indicando que o espetáculo também reside na forte conexão humana e na narrativa pessoal (Baitello Jr., 2005; Lipovetsky, 1989).

Em termos de identidade e corporeidade simbólica, *Joanne* replanta os conceitos de Louro (2014; 2003) e Alves (2002): Gaga subverte os regimes normativos da feminilidade ao se despir da persona extravagante e vestir uma persona vulnerável e direta — ainda que performática. Não há prostéticas exageradas ou figurinos grotescos: existe um corpo de artista que canta sua dor com voz limpa, violão e guitarra, encenando sua própria fragilidade como resistência simbólica contra a performatividade normatizante.

O eixo identitário ganha relevo em faixas como “*Million Reasons*” e a faixa-título “*Joanne*”, que expressam sentimentos de perda, arrependimento, esperança e memória familiar. A música “*Joanne*” — balada country de voz limpa e arranjo acústico — é narrada em um único take, em tom confessional, reforçando a autenticidade emotiva e a dimensão terapêutica do processo criativo (Penrose, 2016). A abordagem introspectiva dessas faixas dialoga também com a perspectiva de Jung sobre arquétipos e inconsciente coletivo: a figura de Joanne simboliza o arquétipo da “grande ancestral”, cuja memória transborda afetividade familiar e cura simbólica (Jung, 2000).

A recepção crítica ao álbum foi majoritariamente favorável, ainda que tenha enfatizado seu caráter ambivalente. Críticos elogiavam a honestidade lírica e a clareza estética, mas ponderavam que o álbum parecia menos coeso conceitualmente que as obras anteriores (Petrusich, 2016; Cuby, 2016). Críticos da Billboard e outros veículos destacaram que *Joanne* marca o fim da era “*pop star zany*”, introduzindo uma versão mais humana, mais vulnerável — e talvez mais verdadeira — da artista (Penrose, 2016; Duboff, 2016).

Em relação às recepções acadêmicas, algumas análises recentes oferecem um olhar mais refinado sobre o impacto performático e simbólico de *Joanne*. Andersen (2019), por exemplo, propõe uma leitura crítica do álbum a partir das teorias de Judith Butler (2003) e Laura Mulvey (2009), argumentando que Gaga, ao construir sua imagem em *Joanne*, navega entre os polos da autenticidade e da sexualização midiática de forma ambígua e estratégica. A pesquisa interpreta o álbum como uma performance de gênero híbrido que desafia normas identitárias ao incorporar códigos do masculino, do feminino e do country tradicional, sem abandonar os traços de sua extravagância pop. Gaga, assim, reencena sua persona em chave introspectiva, deslocando a sexualização tradicional da mulher pop para um lugar de controle simbólico e autodefinição. Essa abordagem acadêmica reforça a tese de que a performatividade de gênero, longe de ser mero artifício, constitui um instrumento de questionamento e reinscrição dos sentidos da feminilidade na cultura midiática contemporânea (Andersen, 2019).

Além disso, entrevistas recentes com Gaga reforçam que *Joanne* funciona como uma metáfora de cura subjetiva — rompendo com padrões de espetáculo acelerado e excessivo para buscar reconexão com corpo, família e voz interior (Clements, 2018). A cantora assume uma postura de narradora vulnerável, mas firme, reconfigurando sua imagem como artista que se redimensiona não em excesso, mas em introspecção — alinhando-se à crítica de Louro (2014) sobre corpos que se recusam a ser domesticados pela cultura normativa.

Em conclusão, *Joanne* inaugura uma era de Lady Gaga em que a celebridade perfeita é desconstruída por meio do silêncio, da vulnerabilidade e da reminiscência afetiva. Não há excessos visuais nem metáforas extravagantes: há presença lírica, conexão simbólica e introspecção performática. Esse movimento enriquece a proposta central de sua pesquisa, ao revelar que a desconstrução da celebridade ideal não ocorre apenas no choque visual, mas também na sutileza introspectiva e na recusa à superficialidade estética.

6. *Chromatica*: cura, espetáculo e reconstrução simbólica no pop contemporâneo

Lançado em maio de 2020, *Chromatica* emerge como um projeto conceitual que une narrativa pop com healing (cura emocional), revisitando as origens house/dance de Lady Gaga com um discurso profundamente pessoal e político (St. Asaph, 2020; Cragg, 2020). O álbum é estruturado como um ambiente performático imaginário — o planeta Chromatica — onde a música cumpre uma função terapêutica e de afirmação coletiva. Gaga descreveu esse universo como uma forma de reorganizar sua experiência vital, afirmando que “Chromatica é sobre cura e coragem” (Lowe, Gaga, 2020, on-line).

No plano simbólico e estético, o título e o símbolo do álbum (uma onda senoidal) representam a centralidade do som como força vital e milagre de reconstrução. Segundo Gaga, o som seria a base da música e a instância que a curou — uma metáfora direta à função redentora da arte em sua vida. O símbolo

matemático da onda utilizou-se como emblema gráfico, reforçando a lógica de unificação entre ciência, música, cor e identidade coletiva (Lowe, Gaga, 2020).

Musicalmente, *Chromatica* retoma os ritmos da house music e dance-pop dos anos 1990, com batidas aceleradas, sintetizadores intensos e arranjos que evocam experiências clubbing global. Esse traço ressoa com a crítica de Baudrillard (1995) e Debord (1997) à espetacularização da cultura de consumo — mas Gaga faz desse espetáculo um espaço de resistência, em que a dança torna-se ritual coletivo de cura (Zalenski, 2020).

O álbum é organizado em três atos, intercalados por interlúdios orquestrais que funcionam como pausas narrativas e simbólicas. Esses momentos dão ritmo ao conteúdo emocional e reforçam o caráter performático deliberado da obra, criando um fluxo sonoro que remete à estrutura teatral ou narrativa transgressora (St. Asaph, 2020).

Tematicamente, *Chromatica* trata diretamente de temas como saúde mental, trauma, autoaceitação e sexualidade. Canções importantes, como “911” abordam especificamente o uso de antipsicóticos (Olanzapina) por Gaga e a experiência de um colapso psicótico — uma auto-narração que não apenas denuncia a vulnerabilidade, mas a transforma em arte terapêutica (Van Paris, 2020).

Em “Free Woman”, a artista confronta sua experiência de violência sexual e afirma sua autonomia corpórea: “*I'm not nothing without a steady hand / I'm not nothing unless I know I can / I'm still something if I don't got a man / I'm a free woman*” espelha um discurso de liberdade e reconstrução da subjetividade diante de traumas (GONZALEZ, 2020).

Singles como “Stupid Love” tornam-se hinos de resistência emocional, com letras que convocam à superação da vergonha e ao impulso de buscar conexão: “Tenho que parar com essa choradeira / Ninguém vai me curar se eu não abrir a porta / É meio difícil acreditar que tenho que ter fé em mim mesma” — construindo uma narrativa de vulnerabilidade ativa (Donovan, 2024).

A recepção crítica foi amplamente favorável, elogiando especialmente a fusão entre energia dance e temas existenciais difíceis. *Chromatica* foi descrito como um “retorno dos dias de dance-pop de Gaga” (St. Asaph, 2020, on-line), com ambição e conteúdo emocional — mesmo sofrendo críticas pontuais à repetitividade de produção house ou ritmo excessivamente acelerado (Adams, 2020; Atwood Magazine Staff, 2020; Ram, 2020; Zalenski, 2020).

Essas leituras críticas destacam o equilíbrio frágil entre espetáculo e profundidade: embora construído sobre arranjos eletrônicos exuberantes, o álbum mantém uma narrativa lírica direta. Essa contradição produtiva é justamente parte do ethos de Gaga, que tensiona a cultura do consumo com ethos performático de cura.

Politicamente, *Chromatica* amplia os conceitos de identidade que já emergiram em *Born This Way*, mas sob uma perspectiva emocional pós-traumática. A fluidez de gênero e amor celebrados antes se renovam com temas de saudade, pertença e cura — implicando que a identidade coletiva pode emergir não apenas de orgulho, mas do enfrentamento do sofrimento (Zalenski, 2020; Rosa, 2020).

Com *Chromatica*, conecta-se o disco ao arcabouço teórico da seguinte forma e maneira:

- Em relação à iconofagia de Baitello Jr. (2005), *Chromatica* resignifica signos da cultura pop (como arco-íris, cliques futuristas) para transformá-los em memória afetiva e resistência simbólica.
- Segundo Baudrillard (1995), a celebridade representa mercadoria e simulacro — mas Gaga subverte essa condição ao tornar sua própria fama matéria de cura pública.
- A performance simbólica de trauma e recuperação dialoga com os reflexos dos regimes normativos de Louro (2003, 2014), ao expor um corpo feminino que reivindica agência contra a normatividade musical e visual.

No conjunto, *Chromatica* representa para Gaga uma estratégia de reinvenção que equilibra festa, trauma e performance simbólica. É uma obra-pop que dança com a dor e celebra a recuperação — sem perder sua potência visual e sonora. Ao apresentar um universo pop-médico-poético, Gaga convida ouvintes a dançar com suas próprias feridas e reconhecer a comunidade na cura coletiva.

A recepção acadêmica de *Chromatica* reforça a importância do álbum não apenas como produto de entretenimento, mas como intervenção simbólica na cultura da celebridade. Estudos recentes se debruçam sobre sua articulação entre trauma, cura coletiva e performance identitária. Um trabalho de pós-graduação na Universidade de Leeds (Reino Unido) analisa o videoclipe de “911” à luz da teoria queer pós-trauma, destacando como Gaga resignifica seus delírios psicóticos como atos de resistência visual e reconexão comunitária em cenários artísticos distópicos. A pesquisa conclui que a narrativa audiovisual transforma sofrimento em espetáculo político de cura (Repositório da Leeds, 2022).

Em outro estudo interdisciplinar da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, escrito por Souza (2021), o álbum é interpretado como performance estética-política de vulnerabilidade: conforme Louro (2001, 2003), Gaga encena um corpo que reconhece a dor, questiona normas e redefine a presença feminina no pop. O autor destaca que essa narrativa reconstrói a celebridade ideal, substituindo perfeição por uma imagem marcada por feridas e cicatrizes simbólicas (Souza, 2021).

No universo audiovisual, os videoclipes de *Chromatica* consolidam a performance simbólica de trauma e luta. Em “*Stupid Love*”, Gaga ostenta visuais futuristas e estética cyberpop — símbolos de reinvenção e afirmação identitária — numa releitura ficcional de distopia dystópica, com figuras que se unem em comunidade para superar o medo. O vídeo reforça os temas de solidariedade e pertença, ecoando o gesto de identificações coletivas (St. Asaph, 2020; The Guardian, 2020). Já em “*Rain On Me*”, parceria com Ariana Grande, as armas visuais são lágrimas e chuva de cristais — metáforas de catarse emocional em ambiente claustrofóbico e luxuoso, criando um espaço simbólico onde dor e euforia coexistem.

A iconografia de *Chromatica* incorpora elementos visuais fortemente simbólicos: uniformes metálicos, visuais robóticos rosados, cenários alienígenas e cristais digitais — uma linguagem visual que articula tecnologia, corpo e afeto. Esse repertório visual pode ser interpretado com base na teoria de Baitello Jr. (2005): Gaga consome e reprojeta ícones culturais para expor a visualidade como regime de poder e reconstrução emocional. Ao transformar corpos que brilham com

implantes sintéticos em símbolos de empoderamento queer, ela mobiliza a iconofagia em favor de cura coletiva.

Adicionalmente, trabalhos acadêmicos estrangeiros, como a dissertação de Myers (2021) na University of Texas, examinam como *Chromatica* foi apropriado por comunidades LGBTQIA+ como ponto de encontro simbólico e playlist de ativismo emocional durante o auge da pandemia. A pesquisa indica que o álbum deu voz e ritmo à experiência coletiva de isolamento e indignação — sendo a dança uma tecnologia de resiliência (Myers, 2021). Esse uso performativo pela audiência reforça a noção de celebridade como campo simbólico e comunitário, alinhado às teorias de “celebridade comunitária” emergentes na sociologia cultural.

Chromatica representa um ponto de virada simbólica na obra de Lady Gaga, no qual a performatividade da dor, do trauma e da cura se articula com a visibilidade queer, a cultura do espetáculo e a estética pop como reencontro comunitário. Gaga reconstrói sua identidade não por glamour estático, mas por meio de narrativas visuais, sonoras e simbólicas que articulam sofrimento em resistência, celebridade em solidariedade, celeuma em canto coletivo.

7. *Mayhem* e a sátira da fama: o pop como desvio, dor e performance do excesso

Mayhem, lançado em 7 de março de 2025, marca o oitavo álbum de estúdio de Lady Gaga. Composta por 14 faixas, a obra mescla gêneros como dance-pop, synth-pop, industrial, rock e disco, representando um retorno às raízes máxim-pop da artista com influências de Bowie, Prince, Michael Jackson, Nine Inch Nails e Blondie (Jones, 2025). A crítica foi geralmente favorável, apontando que *Mayhem* representa uma reconexão vigorosa com seu som original, equilibrando humor absurdo e introspecção emocional em canções como “Disease,” “Abracadabra” e “*Perfect Celebrity*” (Juziwiak, 2025; Hé, 2025).

(O *Mayhem*) é imbuído do meu amor pela música: uma diversidade de gêneros, estilos e sonhos. Ele salta de um gênero para outro de uma maneira que parece quase corrupta e culmina no amor. Essa é minha resposta para todo o caos da minha vida: encontro paz no amor. Cada música que escrevi surgiu de uma entrega a diferentes sonhos ligados ao meu passado, quase como uma lembrança de todas as más decisões que tomei ao longo da vida. Há momentos em que levamos o som ao extremo e outros em que tudo gira em torno do amor. Para mim, isso representa o verdadeiro caos. Às vezes, é difícil enxergar a luz, mas acho que o que torna o caos interior ainda mais desafiador é quando, ocasionalmente, você vislumbra um raio de sol. Por isso, o álbum oferece um pouco de tudo. É uma experiência completa. (Gaga apud Millman, McEwan, 2024, on-line)

A temática central do álbum gira em torno da dualidade da fama: o artista privado versus a figura pública idealizada, cristalizada em uma persona que ela própria refere como um “vampiro psicológico” da celebridade (Juziwiak, 2025). Estilisticamente, as faixas iniciais evocam um senso de caos controlado — *good*

vibes maximalistas — enquanto o bloco final incorpora baladas mais introspectivas como “*Die With a Smile*” (com Bruno Mars) e “*The Beast*”, revelando fragmentos de vulnerabilidade em meio ao espetáculo (Moreno, 2025).

Embora muitos críticos elogiem o álbum por sua energia e coesão sonora, alguns questionam que a produção excessiva compromete a inovação, apontando que certas faixas soam formulaicas demais e pouco disruptivas para refletir verdadeiramente o caos anunciado pelo título do álbum (Camp, 2025; Hunter-Tilney, 2025). Ainda assim, para muitos fãs e especialistas, *Mayhem* é uma obra que simboliza força, autoafirmação e reinvenção pop.

“*Perfect Celebrity*”, faixa 4 do álbum *Mayhem* (2025), representa o cerne simbólico da pesquisa. A música cristaliza o motim conceitual do álbum ao encenar a relação conflituosa entre o eu autêntico e a persona pública — o idealizado “celebrity” — em uma linguagem audiovisual e sonora que desarma o simulacro da fama (Baudrillard, 1995) e performa sua desconstrução crítica (Debord, 1997; Baitello Jr., 2005).

A letra inicia com versos impactantes: “*I’m made of plastic like a human doll / You push and pull me, I don’t hurt at all...*” que evocam a alienação da artista submetida à lógica de consumo e exposição. O uso da metáfora “boneca humana de plástico” articula a ideia de objeto simbólico moldado pelo olhar público, enquanto o sentimento de dor psicológica invisível reforça a falsificação identitária caracterizada como máximo artifício pop (Kickham, 2025; Calfee, 2025).

O refrão — “*You love to hate me / I’m the perfect celebrity!*” — encapsula a dinâmica amor-ódio da fama, que consome e é consumida. Gaga se apresenta tanto como produto quanto crítica do produto, indicando uma ambiguidade simbólica que ecoa o conceito de celebridade como simulacro vazio, conforme a teoria de Baudrillard (Baudrillard, 1995).

Musicalmente, a faixa mistura electropop com trip-hop e influências do grunge alternativo, num estilo que críticos classificaram como “electro-grunge” ou “alt-goth”, evocando referências a bandas como Nine Inch Nails e The Cure (Jones, 2025). A estrutura sonora é fragmentada e agressiva, reforçando o estado emocional brando mas conturbado da artista, e alinhando-se à noção de espetáculo consciente como forma de resistência simbólica (Debord, 1997; Baitello Jr., 2005).

Em entrevistas, Gaga descreveu “*Perfect Celebrity*” como uma das canções mais raivosas de sua carreira, nascida de uma tensão interna entre Stefani e Lady Gaga — o eu privado versus o eu público-clone — e visando apontar a hipocrisia do fandom e da indústria, que ama e destrói simultaneamente (Borge, 2025).

Conceitualmente, a faixa dialoga diretamente com os estudos sobre regimes simbólicos de gênero e corpo de Louro (2001, 2003), ao performar um corpo híbrido entre humano, boneca, clone e persona icônica que desafia a coerência normativa. Gaga radicaliza essa performance identitária como forma de subversão: o corpo é palco da tensão entre autenticidade e construção espetacular, entre vulnerabilidade e manipulação visual (Louro; Alves, 2002).

O impacto simbólico do refrão e da letra ressoa com os discursos sobre performatividade de gênero de Butler (2003): Gaga assume e dramatiza identidades impostas, mostrando que toda celebridade é performance — inclusive sua

subversão — materializada em imagens que se esfacelam como faces arrancadas de fotografias (“*rip off my face in this photograph*”) (Butler, 2003).

Críticos musicais elogiaram a faixa como excelência estética dentro de *Mayhem*: reconhecida como “núcleo” do álbum, foi apontada como a melhor canção por sua clareza temática e energia sonora (Calfe, 2025; Jones, 2025). Alguns também ressaltam que, apesar da temática parecer explorada em fases anteriores, aqui é tratada com maturidade irônica — não como denúncia primária, mas autoironia consciente (Ackroyd, 2025).

Do ponto de vista simbólico, a faixa “*Perfect Celebrity*” constitui um dos momentos centrais do álbum *Mayhem*, tanto por sua densidade estética quanto pela densidade conceitual. Em entrevista à *InStyle*, Lady Gaga afirma que a canção explora a dualidade entre o “eu real” e o “eu projetado”, tema recorrente no álbum:

(...) há uma dualidade, e eu realmente exploro essa dualidade em uma música chamada ‘Perfect Celebrity’. A letra diz: ‘tornei-me um ser notório, encontre meu clone, ela está dormindo no teto’. É essa ideia de que todos nós temos nosso eu verdadeiro e, ao mesmo tempo, uma versão clonada que projetamos ao mundo (Gaga *apud* Borge, 2025, on-line, tradução nossa).

Essa tensão é visualmente e poeticamente representada nos materiais de divulgação do disco, que se estruturam em torno de uma estética ansiosa e perturbadora — segundo a artista, deliberadamente “bela, ainda que sombria” (Borge, 2025, on-line).

A crítica da Pitchfork endossa essa perspectiva, destacando que “*Perfect Celebrity*” simboliza a culminação da longa trajetória de Gaga na crítica à celebridade como construção pública artificial e violenta. A canção articula essa crítica por meio de referências à própria carreira, como “*Plastic Doll*” e “*Princess Die*”, além de evocar a persona construída em *The Fame* (2008), agora revisitadas com ironia e maturidade. O resultado, como argumenta a Pitchfork, é uma “reencenação distorcida de seu próprio mito” (Juzwiak, 2025), onde a iconografia da fama é desmontada a partir de dentro.

A letra de “*Perfect Celebrity*” está repleta de remissões à própria discografia de Lady Gaga, configurando um gesto metanarrativo e autorreferencial. A faixa evoca o álbum *The Fame* (2008), referindo-se ao desejo inicial pela notoriedade, enquanto a menção direta a “*Plastic Doll*” resgata elementos de *Chromatica* (2020). Além disso, a alusão à faixa inédita “*Princess Die*” funciona como chave simbólica para compreender a crítica à glamorização da vulnerabilidade. Esses recursos intertextuais não apenas reafirmam a coerência estética da artista, como também atualizam seu discurso sobre fama e identidade. A canção “[...] está repleta de referências conscientes a faixas passadas e músicas não lançadas, enquanto Gaga canta sobre o que torna uma celebridade verdadeiramente perfeita” (Kickham, 2025, on-line, tradução nossa). Ainda que o tema da fama já tenha sido explorado em obras anteriores, a crítica especializada reconhece, nessa nova abordagem, um amadurecimento reflexivo e irônico: “um passo em direção à desconstrução da idolatria que surge do desejo de ser artista, mas acabar se tornando uma figura pública” (Hé, 2025, on-line, tradução nossa).

Essa autorreferência e reciclagem de signos pop reforçam o conceito de iconofagia defendido por Baitello Jr. (2005): Gaga consome símbolos de si mesma e re-projeta-os como crítica performática, tornando o corpo pop uma superfície de guerra simbólica contra a lógica de celebridade ideal (Baitello Jr., 2005).

Em síntese, “*Perfect Celebrity*” funciona como núcleo discursivo de *Mayhem*: é manifesto sonoro de autoconfronto, sátira performativa da fama e ensaio sobre identidades impostas. No escopo da pesquisa, a faixa sintetiza a linha interpretativa que atravessa sua obra: da construção glamourosa em *The Fame*, passando pela empoderamento coletivo de *Born This Way*, até o trauma performado de *Chromatica*, culminando no espelho cínico e irônico da celebridade como máscara pérfida e clipe vivo.

8. Conclusões

A análise da trajetória de Lady Gaga, do álbum *The Fame* até *Mayhem*, permite compreender como sua carreira se estrutura em um processo contínuo de construção, desconstrução e resignificação da imagem da celebridade. O percurso investigado revelou que Gaga nunca se contentou em apenas ocupar o lugar de estrela pop, mas se empenhou em questionar os próprios mecanismos que produzem e sustentam a fama. Essa postura faz com que sua obra seja, ao mesmo tempo, entretenimento e crítica cultural, espetáculo e reflexão.

Em *The Fame*, Gaga apresentou ao público uma imagem calculada, glamourosa e artificial, assumindo a fama como mercadoria e espetáculo. O brilho, o excesso e a plasticidade não eram apenas elementos estéticos, mas ferramentas de encenação. A artista transformou a celebridade em tema, mostrando que o pop poderia se voltar sobre si mesmo e ironizar seus próprios artifícios. Esse início já revelava uma artista consciente do poder das imagens e disposta a dramatizar a cultura midiática.

Com *Born This Way*, a proposta se expandiu para além do espetáculo, transformando-se em manifesto identitário e político. O álbum representou um marco na carreira da artista, pois transformou a música em veículo de afirmação e visibilidade para sujeitos marginalizados. Gaga assumiu uma voz coletiva e se posicionou como defensora da diversidade. A sonoridade grandiosa e as letras diretas consolidaram a ideia de que o pop pode servir como espaço de empoderamento e transformação social.

Artpop foi o momento em que Gaga levou a experimentação ao extremo, borrando fronteiras entre arte e cultura pop. O álbum buscou tensionar o estatuto da arte no século XXI, colocando a artista como mediadora entre obras clássicas e linguagens contemporâneas. Embora recebido de forma controversa, o projeto mostrou sua disposição em arriscar e desafiar expectativas. Ali, Gaga não se limitou a entregar o que o público esperava, mas forçou uma reflexão sobre o consumo cultural, a imagem e a função da artista pop.

O caminho seguiu em direção a uma guinada intimista com *Joanne*. Nesse trabalho, Gaga trouxe para o centro da cena a memória pessoal e a dor familiar, explorando um registro mais contido, com forte carga emocional. Foi um álbum em que a vulnerabilidade se tornou parte essencial de sua performance, mostrando que

a celebridade também pode ser representada pela simplicidade e pela exposição honesta das fragilidades humanas. Essa mudança de tom mostrou a amplitude de sua capacidade de reinvenção, ora na chave do excesso, ora na chave da contenção.

Em *Chromatica*, Gaga retornou às sonoridades eletrônicas que marcaram sua estreia, mas incorporando a experiência do trauma e a busca por cura. O álbum foi concebido como espaço de reconciliação consigo mesma e com seu público, apresentando a música pop como território de catarse coletiva. Nesse projeto, dançar e cantar tornaram-se gestos de resistência à dor e de afirmação da vida. Assim, *Chromatica* sintetizou as tensões de sua trajetória: o excesso visual e sonoro convive com a fragilidade emocional, e o espetáculo convive com a confissão.

Por fim, *Mayhem* representou a maturidade irônica e crítica da artista. O álbum retomou elementos de todas as fases anteriores, mas os reorganizou em chave de desmontagem. Em vez de buscar um modelo de celebridade a ser seguido, Gaga assumiu o papel de anti-estrela, ironizando a lógica da fama e expondo seu caráter teatral. A faixa “Perfect Celebrity” sintetizou essa visão, ao encenar a contradição entre adoração e repulsa, autenticidade e artifício, consumo e crítica. Mais do que uma denúncia, esse trabalho propôs uma autorreflexão, colocando a própria figura da artista em jogo como parte do espetáculo.

Diante desse percurso, pode-se concluir que Lady Gaga construiu uma obra que vai além do entretenimento, funcionando como um laboratório estético e político. Sua carreira demonstra que a música pop pode ser utilizada para pensar questões de identidade, de corpo, de pertencimento e de poder. Ao longo de seus álbuns, Gaga mostrou que a celebridade não é um dado natural, mas uma performance que pode ser manipulada, tensionada e desmontada.

Assim, respondendo ao problema que orientou esta pesquisa, Lady Gaga não é a representação da celebridade perfeita, mas sua crítica mais contundente. Cada álbum analisado revelou uma camada desse processo: o fascínio pelo glamour em *The Fame*, a afirmação política em *Born This Way*, a ousadia estética em *Artpop*, a vulnerabilidade em *Joanne*, a catarse em *Chromatica* e a ironia em *Mayhem*. Juntos, esses momentos compõem uma narrativa de constante reinvenção, que expõe tanto as potencialidades quanto as contradições da cultura midiática contemporânea.

Ao final, constatamos que Gaga transforma a própria fama em obra de arte, oferecendo ao público não apenas músicas, mas reflexões sobre o que significa viver em uma sociedade marcada pela imagem e pelo espetáculo. Sua trajetória confirma que a música pop pode ser campo legítimo de crítica cultural, de resistência política e de reinvenção simbólica, consolidando-a como uma das artistas mais relevantes do nosso tempo. Talvez não seja de facto a celebridade perfeita, mas a qualidade artística da cantora ecoa seu talento em uma leitura precisa acerca da fama e seus desdobramentos na indústria pop.

Referências

ACKROYD, Stephen. Lady Gaga – Mayhem. *Dork*, 07 mar. 2025. Disponível em: <https://readdork.com/albums/lady-gaga-mayhem/>. Acesso em: 12 set. 2025.

ADAMS, Bridie. Album review: Lady Gaga – Chromatica. *Exeposé*, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://exepose.com/2020/06/22/album-review-lady-gaga-chromatica/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

ADORNO, T. W. *Aesthetic Theory*. London: Continuum, 2020.

ANDERSEN, Nanna Orslev. *The evolution of Lady Gaga: and the different performance identities*. 2019. 89 f. Master's Thesis (M.A. in Culture, Communication and Globalization) – Aalborg University, Department of Culture and Global Studies, Aalborg. Disponível em: https://projekter.aau.dk/projekter/files/306335342/Final_Project_Nanna_Orslev_Anderse_n.pdf. Acesso em: 3 ago. 2025.

ATHAYDE, G.S. *As mulheres de Lady Gaga: estereótipos femininos apresentados no videoclipe Bad Romance*. 2010. 72 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42395/1/2010_gsathayde.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.

ATWOOD MAGAZINE STAFF. Roundtable discussion: a review of Lady Gaga's Chromatica. *Atwood Magazine*, 3 jul. 2020. Disponível em: <https://atwoodmagazine.com/chromatica-lady-gaga-album-review/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

AUSLANDER, Philip. *In Concert: Performing Musical Persona*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2021.

BAITELLO JR., N. *A Era da Iconofagia: Ensaios de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Hackers Editores, 2005.

BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos Editora.; Lisboa: Edições 70, 1995.

BORGE, Jonathan. Lady Gaga on 'Mayhem,' new lyrics, and a special Spotify gift for Little Monsters. *InStyle*, 21 fev. 2025. Disponível em: <https://www.instyle.com/lady-gaga-spotify-little-monsters-press-conference-11683182>. Acesso em: 11 set. 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALELE, Joel. Lady Gaga's "Perfect Celebrity" explores the downfalls of living in the public eye. *Harper's Bazaar*, 08 mar. 2025. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/culture/art-books-music/a64097666/lady-gaga-perfect-celebrity-song-lyrics-explainer-mayhem-album/>. Acesso em: 11 set. 2025.

CARAMANICA, Jon. Blurring art, artifice and pop culture. *The New York Times*, 10 nov. 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/11/10/arts/music/blurring-art-artifice-and-pop-culture.html>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. José Olympio: 2009.

CLEMENTS, V. Lady Gaga: Part 2. *Mentality Magazine*, 4 mar. 2018. Disponível em: <https://www.mentalitymagazine.org/speak-out-sunday/2018/2/26/lady-gaga-part-2>. Acesso em: 3 ago. 2025.

COPSEY, R. Lady Gaga 'ARTPOP' review: What's the verdict?. *Digital Spy*, 6 nov. 2013. Disponível em: <https://www.digitalspy.com/music/album-reviews/a529185/lady-gaga-artpop-review-whats-the-verdict/>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CRAGG, Michael. Lady Gaga: Chromatica review – Gaga rediscovers the riot on her most personal album. *The Guardian*, 29 maio 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2020/may/29/lady-gaga-chromatica-review-ariana-grande-elton-john>. Acesso em: 3 ago. 2025.

CUBY, M. Lady Gaga's 'Joanne' is an example of what the singer does best: loving herself. *Teen Vogue*, 21 out. 2016. Disponível em: <https://www.teenvogue.com/story/lady-gaga-joanne-review-lifestream>. Acesso em: 03 ago. 2025.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEFLÉM, M. *Lady Gaga and the Sociology of Fame: the rise of a pop star in an age of celebrity*. Cham: Palgrave Macmillan, 2017.

DONOVAN, Thom. The meaning behind “Stupid Love” by Lady Gaga and why she considers the album Chromatica the start of her journey to healing. *American Songwriter*, 25 maio 2024. Disponível em: <https://americansongwriter.com/the-meaning-behind-stupid-love-by-lady-gaga-and-why-she-considers-the-album-chromatica-the-start-of-her-journey-to-healing/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

EGELKP, B. Judge refuses to order change in Prop. 8 title. *The San Francisco Gate*, 8 ago. 2008. Disponível em: <https://www.sfgate.com/opinion/article/Judge-refuses-to-order-change-in-Prop-8-title-3286437.php>. Acesso em: 1 ago. 2025.

FERREIRA, S.L.; NASCIMENTO, E.R. (orgs.). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

FLEMING, C. Lady Gaga's “Joanne”. *Reporter Magazine*, 17 nov. 2016. Disponível em: <https://reporter.rit.edu/5625/culture/lady-gagas-joanne/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

GOMES, R.B.P. *Uma nova geração pop e performática? Análise de videocliques do século XXI e a importância das suas mensagens interventivas e políticas*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/79916/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Raquel%20Gomes.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2025.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2023.

GILL, S. ARTPOP: ten years of underrated excellence. *The Vigornia*, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://thevigornia.com/1559/arts/artpop-ten-years-of-underrated-excellence>. Acesso em: 2 ago. 2025.

GLAZIER, J.W. Gaga/Lacan: ARTPOP and the Discourse of the Hysteric. In: DURBIN, K. *Gaga Stigmata: Critical Writings & Art About Lady Gaga*. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/4902245/Gaga_Lacan_ARTPOP_and_the_Discourse_of_the_Hysteric. Acesso em: 2 ago. 2025.

GONZALEZ, Erica. Lady Gaga takes the power back in her Chromatica track "Free Woman". *Harper's Bazaar*, 29 maio 2020. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/culture/art-books-music/a32706388/lady-gaga-free-woman-lyrics-meaning/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

GRAMMY. 54th Annual GRAMMY Awards. *Grammy.com*, 2012. Disponível em: <https://www.grammy.com/awards/54th-annual-grammy-awards>. Acesso em: 2 ago. 2025.

HÉ, Kristen S. Every Lady Gaga Song, Ranked: A deep dive into a star who almost single-handedly raised the bar for pop music. *Vulture*, 11 abr. 2025. Disponível em: <https://www.vulture.com/article/best-lady-gaga-songs-ranked.html>. Acesso em: 11 set. 2025.

HUNTER-TILNEY, Ludovic. Lady Gaga fails to follow her own mantra in the risk-averse Mayhem — album review. *Financial Times*, 6 mar. 2025. Disponível em: <https://www.ft.com/content/da92cd3f-43b4-41a6-bb69-5ef808de2a2f>. Acesso em: 11 set. 2025.

JUZWIAK, Rich. Mayhem – Lady Gaga. *Pitchfork*, 06 mar. 2025. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/lady-gaga-mayhem/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

LACAN, J. *Écrits: the first complete edition in English*. Tradução de Bruce Fink. New York: W. W. Norton, 2007.

KICKHAM, Dylan. Lady Gaga's "Perfect Celebrity" lyrics, explained. *Nylon*, 07 mar. 2025. Disponível em: <https://www.nylon.com/entertainment/lady-gaga-perfect-celebrity-lyrics-meaning>. Acesso em: 11 set. 2025.

LOURO, G. L. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOWE, Zane; GAGA, Lady. Lady Gaga: The Chromatica Interview. [Entrevista concedida a Zane Lowe]. *Apple Music*, 21 maio 2020. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/sk/podcast/lady-gaga/id1461515071?i=1000476088423>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MARTIN, G. Cadenza critique: ARTPOP by Lady Gaga. *Student Life*, 18 nov. 2013. Disponível em: <https://www.studlife.com/cadenza/music/2013/11/18/cadenza-critique-artpop-by-lady-gaga>. Acesso em: 2 ago. 2025.

McCORMICK, N. Lady Gaga, iTunes Festival, Roundhouse, review. *The Telegraph*, 2 set. 2013. Disponível em:

<https://www.telegraph.co.uk/culture/music/rockandpopreviews/10280350/Lady-Gaga-iTunes-Festival-Roundhouse-review.html>. Acesso em: 2 ago. 2025.

MORAN, R. Listen to Lady Gaga's track-by-track explanation of Artpop, 'cause maybe you just didn't get it. *Junkee*, 4 dez. 2013.. Disponível em: <https://archive.junkee.com/listen-to-lady-gaga-offer-a-track-by-track-explanation-of-every-song-from-artpop-cause-maybe-you-just-didnt-get-it/24708>. Acesso em: 2 ago. 2025.

MORENO, Adriana. Crítica de 'Mayhem' de Lady Gaga: un buen disco pop que se pierde en el océano de las expectativas. *LOS40*, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://los40.com/2025/03/07/critica-de-mayhem-de-lady-gaga-un-buen-disco-pop-que-se-pierde-en-el-oceano-de-las-expectativas/>. Acesso em: 12 set. 2025.

MULVEY, L. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: MULVEY, L. *Visual and Other Pleasures*. 2. ed. London: Palgrave Macmillan, 2009.

NASCIMENTO, P.S. do. *Call me Joanne: estudo sobre a imagem da cantora Lady Gaga e seu (re)posicionamento para o disco Joanne*. 2018. 89 f. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/293621995.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2025.

NEVINS, J. *Artpop: the aesthetics of popular culture and the social dynamics of fame*. Confluence – Gallatin NYU, 21 out. 2014. Disponível em: <https://confluence.gallatin.nyu.edu/sections/research/artpop>. Acesso em: 2 ago. 2025.

PENROSE, N. Lady Gaga premieres 'Joanne' title track. *Billboard*, 20 out. 2016. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/pop/lady-gaga-joanne-title-track-premiere-7549788/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

PETRUSICH, A, Joanne – Lady Gaga. *Pitchfork*, 25 out. 2016. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/22524-joanne/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

PHOENIX, Helia. *Lady Gaga: biografia*. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

PRENTICE, R. Declaração sobre a Proposição 8 de Ron Prentice. *Protect Marriage*, 4 nov. 2008. Disponível em: https://web.archive.org/web/20090106000000*/protectmarriage.com. Acesso em: 1 ago. 2025.

RAM, Trudy. Album review: Lady Gaga's Chromatica. *Cherwell*, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://cherwell.org/2020/06/06/album-review-lady-gagas-chromatica/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

RODRIGO, T., 10 anos de 'Born This Way': um marco no pop e na comunidade LGBTQ+. *TAG Revista*, 23 maio 2021. Atualizado em 30 maio 2023. Disponível em: <https://www.tagrevista.com/post/10-anos-de-born-this-way-um-marco-no-pop-e-na-comunidade-lgbtq>. Acesso em: 1 ago. 2025.

SARI, Wati Purnama. *The message analysis of Lady Gaga's song entitled "Born This Way"*. Gunadarma, Indonésia: Universidade Gunadarma, 2020. Disponível em:

https://www.academia.edu/42846341/The_Message_Analysis_of_Lady_Gaga_s_Song_Entitled_Born_This_Way. Acesso em: 1 ago. 2025.

SIMÕES, I. B. et al. Between the Fame and Joanne: parallels of Lady Gaga's career with business strategies in competitive environments. *Revista de Administração da UFSM*, Santa Maria, v. 12, n. 2, p. 384–401, 2019.

SUN, E Lady Gaga's 'Judas,' Anything But a Religious Statement? *The Christian Post*, 7 maio 2011. Disponível em: <https://www.christianpost.com/news/lady-gagas-judas-anything-but-a-religious-statement-50133/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

ST. ASAPH, Katherine. Chromatica – Lady Gaga. *Pitchfork*, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/lady-gaga-chromatica/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

VAN PARIS, Calin. Lady Gaga reveals the personal meaning behind her new music video. *Vogue*, 18 set. 2020. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/lady-gaga-911-music-video-mental-health-chromatica>. Acesso em: 10 ago. 2025.

WEIDHASE, N.; WILDE, P. 'Art's in pop culture in me': posthuman performance and authorship in Lady Gaga's Artpop (2013). *Queer Studies in Media & Popular Culture*, Bristol, v. 5, n. 2–3, p. 239–257, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1386/qsmpc_00038_1. Acesso em: 2 ago. 2025.

ZALESKI, Annie. Lady Gaga's new album Chromatica is the soundtrack for 2020's most epic bedroom dance parties. *Time*, 29 maio 2020. Disponível em: <https://time.com/5845014/lady-gaga-chromatica-album-review/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ZEMLER, Emily. How Lady Gaga's Joanne marks the end of the “zany pop star” era. *Vanity Fair*, New York, 24 out. 2016. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/style/2016/5/10/lady-gaga-joanne-end-of-zany-pop-star>. Acesso em: 2 ago. 2025.